



Conto de Fadas

# Danielle Steel

---

Autora com **um bilhão** de cópias  
vendidas no mundo

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Danielle Steel, 2017  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023  
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Fairytale*

*Preparação:* Andréa Bruno  
*Revisão:* Bonie Santos e Wélida Muniz  
*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos  
*Capa:* Lynn Andreozzi  
*Adaptação de capa:* Camila Senaque  
*Imagem de capa:* Hayley Paige Spring, 2014 CollectionDori Dress/Style 6413JLM Couture

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Steel, Danielle  
Um conto de fadas / Danielle Steel; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.  
256 p.

ISBN 978-85-422-2129-9  
Título original: *Fairytale*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

23-0669

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

**Editora Planeta**   
Brasil

**20**  
ANOS

Este livro foi composto em Linux Libertine  
e impresso pela Geográfica para a Editora  
Planeta do Brasil em março de 2023.

**Acreditamos nos livros**

2023

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo/SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



## Capítulo 1

Era março em Napa Valley, região a menos de cem quilômetros ao norte de San Francisco, a época do ano favorita de Joy Lammenais. As colinas ondulantes exibiam um verde-esmeralda vivo que desapareceria quando o tempo esquentasse e ficasse seco e quebradiço no calor do verão. Mas, agora, tudo era fresco e novo, e os vinhedos se estendiam por quilômetros ao longo do condado. Os visitantes o comparavam com a Toscana, na Itália, e alguns, com a França.

Joy havia ido para lá pela primeira vez com Christophe vinte e quatro anos antes, época em que ela fazia mestrado em administração de empresas em Stanford, e ele cursava pós-graduação em enologia e viticultura. Ele havia sido meticuloso ao lhe explicar que enologia era o processo de se fazer vinho, e viticultura, o de plantar e cultivar uvas. A família dele produzia vinhos famosos em Bordeaux havia séculos, e lá o pai e tios dele administravam a vinícola e os vinhedos; mas seu sonho era ir para a Califórnia e estudar mais sobre os vinhos, vinhedos e vinicultores de Napa Valley. Confidenciara a Joy que queria uma vinícola pequena, própria. A princípio, era apenas uma vaga esperança, uma fantasia que ele nunca se permitiria concretizar. Já assumira que voltaria à França para seguir o caminho esperado, assim como seus ancestrais e parentes. Mas Christophe se apaixonou pela Califórnia e pela vida nos Estados Unidos e ficou cada vez mais apaixonado pelos vinhedos de Napa Valley durante o ano que passou em Stanford. A morte

súbita do pai, em tenra idade, enquanto Christophe ainda frequentava a universidade americana, deixou-o com um dinheiro inesperado para investir e, de repente, fez de sua ideia de estabelecer a própria vinícola nos Estados Unidos não apenas atraente como também viável. Depois que ambos terminaram os estudos em junho, ele foi passar o verão na França para explicar tudo à família e voltou no outono para realizar seu plano.

Joy era a mulher mais fascinante que ele já conhecera, com uma grande diversidade de talentos. Tinha um dom natural para qualquer coisa relacionada a negócios ou finanças e, ao mesmo tempo, era pintora e artista, estudara na Itália durante vários verões e poderia facilmente ter seguido uma carreira artística. Durante um tempo, na faculdade, ela teve dificuldade para tomar uma decisão. Seus professores da Itália a encorajaram a esquecer a área empresarial, mas, no fim das contas, seu lado mais prático venceu: ela manteve a pintura como um hobby que amava e focou as metas empresariais. Tinha uma noção instintiva de quais eram os melhores negócios e queria trabalhar em uma das empresas de investimento em alta tecnologia do Vale do Silício antes de abrir a sua própria, de capital de risco. Falava com Christophe sobre isso o tempo todo.

Ela não entendia nada de vinhos quando se conheceram, mas ele lhe ensinou tudo durante o ano que passaram juntos. Joy não estava interessada em vinhedos e vinícolas, mas a maneira como ele lhe explicou tudo deu vida ao tema e o fez parecer quase mágico. Ele adorava fazer vinho, tanto quanto ela amava pintar; ou tanto quanto era fascinada por investimentos criativos. A agricultura lhe parecia um negócio arriscado. Muita coisa poderia dar errado: uma geada precoce, uma colheita tardia, muita ou pouca chuva. Christophe lhe dizia que isso fazia parte do mistério e da beleza, e que, quando todos os ingredientes necessários se juntavam, o resultado era uma safra inesquecível, da qual as pessoas fariam para sempre, que poderia transformar um vinho comum em uma notável dádiva da natureza.

Quando começou a visitar Napa Valley com Christophe, ela passou a entender que fazer vinho estava na alma e no DNA dele, e ter um rótulo

próprio respeitado seria a maior conquista para ele e o que esperava que acontecesse. Na época, ela tinha vinte e cinco, e ele, vinte e seis anos. Ela tivera a sorte de arranjar um emprego em uma lendária empresa de capital de risco logo após a formatura e adorava o que fazia. E quando Christophe voltou da França no final do verão, procurando terras para comprar e vinhedos que pudesse replantar exatamente do jeito que quisesse, de acordo com tudo que aprendera na França, pediu que ela o acompanhasse. Ele respeitava os conselhos de Joy sobre todos os aspectos financeiros de qualquer negócio. Ela o ajudou a comprar seu primeiro vinhedo e, em novembro, ele já havia comprado seis, todos adjacentes.

As vinhas eram velhas, e ele sabia exatamente o que queria plantar ali. Dissera a Joy que queria uma vinícola pequena, mas que, um dia, produziria o melhor pinot noir de Napa Valley, e ela acreditou nele. Ele lhe explicava os detalhes dos vinhos que provavam, o que havia de errado ou certo neles, como poderiam, ou deveriam, ter sido diferentes ou melhores. E lhe apresentou os vinhos franceses e o que sua família fazia e exportava do Château Lammenais havia gerações.

Ele havia comprado mais um terreno na colina, com vista para os vinhedos e o vale, e disse que construiria um pequeno château ali. Enquanto isso, morava em um chalé com um quarto e uma confortável sala de estar com uma lareira enorme. Passavam muitas noites aconchegados ali nos fins de semana; ele compartilhando suas esperanças com ela, e ela explicando como fazer o lado empresarial funcionar e como elaborar o plano financeiro.

Passaram o Natal juntos no chalé e, de manhã cedo, ficaram na varandinha admirando a natureza em seu melhor momento. Como o pai havia morrido recentemente, e a mãe, muitos anos antes, ele não queria voltar à França para passar as festas com os tios; queria ficar com Joy. Ela também não tinha família. A mãe morrera jovem, de câncer, quando Joy tinha quinze anos, e o pai, muito mais velho, ficara arrasado e morrera de tristeza três anos depois. Ela e Christophe criaram seu próprio mundo no lugar aonde ele a levava. E ele fizera uma ceia de Natal

extraordinária: ganso e faisão, o que combinou perfeitamente com os vinhos que escolhera.

Na primavera, ele começou a construir o château, exatamente como havia dito. Joy descobriu que Christophe era uma espécie de visionário, mas sempre fazia o que dizia e transformava ideias abstratas em realidade concreta. Nunca perdia de vista seus objetivos, e Joy lhe mostrava como chegar lá. Ele descrevia o que via no futuro, e ela o ajudava a realizar seus sonhos. Ele tinha lindos planos para o château.

Christophe mandara buscar as pedras na França; não queria nada muito imponente nem muito grande. Baseara vagamente seu projeto no château de sua família, uma construção de quatrocentos anos, e dera ao arquiteto inúmeros esboços e fotografias como referência do que tinha em mente, além das alterações que achava que funcionariam no terreno que havia escolhido, e fora implacável sobre as proporções – nem muito grande nem muito pequeno. Havia escolhido uma colina com lindas árvores antigas ao redor da clareira onde queria construir sua casa. Disse que colocaria roseiras vermelhas em todos os lugares, como tinham na França, e discutiu tudo com um paisagista, que ficou entusiasmado com o projeto.

O château já estava bem adiantado no verão quando Christophe pediu Joy em casamento. Estavam namorando havia mais de um ano. Ele estava construindo a vinícola entre os vinhedos simultaneamente com o château, que era uma preciosidade. Casaram-se em uma pequena cerimônia em uma igreja próxima, no fim de agosto, com dois funcionários do vinhedo como testemunhas. Ainda não tinham amigos de verdade em Napa Valley. Mas tinham um ao outro, o que era mais que suficiente para começar. Diziam que o resto poderia chegar mais tarde. Estavam iniciando uma vida juntos, e Joy admirava a paixão de Christophe pela terra e seus terrenos. Ele a levava nos ossos, nas veias e no coração. As uvas que cultivava eram seres vivos para ele, e deveriam ser acariciadas, acalentadas e protegidas. E ele sentia o mesmo

por sua esposa. Estimava-a como a um presente precioso, e ela desabrochava e prosperava no calor de seu amor e o amava profundamente.

O chateau ainda não estava pronto no primeiro Natal que passaram casados; ainda moravam no chalé simples dele, que combinava com a vida tranquila que levavam. Joy estava grávida de três meses na época, e Christophe queria que a casa ficasse pronta a tempo de levar seu primeiro filho para lá quando nascesse, em junho. Joy largara o emprego no Vale do Silício quando se casaram, visto que não poderia percorrer uma distância tão longa todos os dias, e trabalhava muito para ajudar Christophe a montar a vinícola. Ela cuidava da administração e ele cuidava das vinhas. Sua barriga estava redonda e grande quando se mudaram para o chateau em maio, exatamente como Christophe havia prometido. Passaram o primeiro mês lá, ela pintando lindos afrescos e murais à noite e nos fins de semana, esperando a chegada do primeiro filho e trabalhando no escritório da nova vinícola todos os dias. Ele a batizara em homenagem a ela: Chateau Joy, que era a descrição perfeita da vida dos dois, já que seu nome também significava alegria.

Acordavam animados para trabalhar todos os dias e almoçavam juntos em casa para discutir o progresso e os problemas que estavam enfrentando. Ele havia plantado suas videiras usando todos os preceitos que aprendera desde criança; dois de seus tios foram visitá-los, aprovaram tudo que estavam fazendo e disseram que, em vinte anos, seria a melhor vinícola de Napa Valley. As vinhas que haviam plantado estavam crescendo bem, e o chateau já era o lar deles. Mobiliaram-no com antiguidades provincianas francesas que encontraram em leilões e lojas especializadas; escolheram tudo juntos.

O bebê chegou gentil e pacificamente, assim como os demais planos deles haviam tomado forma nos últimos dois anos. Foram para o hospital de manhã, quando Joy dissera que estava na hora, logo após o café. Desceram a colina até o hospital e, no fim da tarde, Joy tinha uma linda menininha nos braços, sob o olhar de admiração de Christophe. Tudo havia sido muito fácil, simples e natural. A menina tinha os cabelos

louro-claros e a pele branca da mãe, e os profundos olhos azuis do pai, desde o momento em que nasceu. Era óbvio que seus olhos continuariam azuis, visto que os da mãe também eram dessa cor. E sua pele era tão clara e macia que Christophe disse que ela parecia uma flor. Deram-lhe o nome de Camille.

Foram para o château no dia seguinte para começar a vida a três. E Camille cresceu com pais amorosos em um château pequeno e elegante, em meio à beleza de Napa Valley, com vista para os vinhedos do pai. E a previsão dos tios de Christophe se provou verdadeira. Em poucos anos, estavam produzindo um dos melhores pinot noirs de toda a região. Os negócios eram sólidos, o futuro estava seguro, eles eram respeitados e admirados por todos os importantes vinicultores de Napa Valley e muitos lhe pediam conselhos. Christophe tinha anos de história familiar por trás, além de instintos quase infalíveis. Seu amigo mais próximo era Sam Marshall, dono da maior vinícola da região. Não tinha o histórico de Christophe nem o conhecimento da viticultura francesa, mas tinha uma intuição para o cultivo de vinhos impressionantes, era corajoso e inovador e possuía mais terras que qualquer outra pessoa no vale, e Christophe gostava de trocar ideias com ele.

Barbara, esposa de Sam, também era amiga de Joy, e os dois casais costumavam passar os fins de semana todos juntos com os filhos. Os Marshall tinham um menino de sete anos quando Camille nasceu. Phillip ficava fascinado com a bebê quando as famílias almoçavam juntas aos domingos. Christophe preparava um grande almoço francês para todos, conversando com Sam sobre negócios, enquanto as mulheres cuidavam das crianças. Joy deixara Phillip segurar Camille quando ela tinha duas semanas; mas, na maioria das vezes, ele preferia subir nas árvores, correr pelos campos, colher frutas nos pomares ou andar de bicicleta.

Sam Marshall, nascido na região, havia batalhado por tudo que tinha e levava seus negócios a sério – assim como Christophe, e por isso o admirava. Sam sempre se aborrecera com empresários bem-

-sucedidos da cidade, ou de Los Angeles ou Nova York, que compravam um terreno, plantavam algumas videiras, diziam-se viticultores e vinicultores e se exibiam, sem nenhum conhecimento e cheios de pretensão. Sam os chamava de “viticultores de domingo” e não os tolerava. Nem Christophe. Ele acreditava que os segredos de fazer um vinho excelente deviam ser transmitidos por várias gerações e respeitava Sam por ter aprendido tudo em uma só. Mas Sam era tão trabalhador, tão faminto por aprendizado e tão respeitoso com a terra e com o que ganhava dela que Christophe sentia profunda afeição por ele, e ambos preferiam a companhia de vinicultores sérios como eles, que tinham informações e experiências valiosas para compartilhar. O ramo do vinho atraía muitos amadores, pessoas que tinham dinheiro e compravam vinícolas já estabelecidas – a maioria novos ricos que queriam se exhibir. E a aristocracia da Velha Guarda de San Francisco também fora para Napa Valley ao longo dos anos. Formavam um grupo elitista, fechado, davam festas requintadas e esnobavam todos os demais. Mas, ocasionalmente, demonstravam valorizar os vinicultores mais importantes, incluindo Christophe, que não tinha interesse neles.

Camille cresceu naquela atmosfera feliz que seus pais criaram, entre as dinastias vinícolas de Napa Valley e amigos íntimos. A propriedade deles foi crescendo. Seu pai ia comprando mais terras, plantando mais vinhedos, e contratou um gerente italiano chamado Cesare, da Toscana. Camille sabia que sua mãe não gostava dele, porque ela fazia careta ou saía da sala toda vez que ele entrava no escritório.

Joy continuava cuidando da administração da vinícola enquanto Camille crescia, passeava por ali ou brincava nos vinhedos depois da escola. A menina sempre dizia que queria ser como os pais, e um dia trabalhar na vinícola e estudar em Stanford como eles. Achava que tudo que eles faziam era perfeito e queria seguir as mesmas tradições. Havia ido a Bordeaux muitas vezes com os pais para conhecer primos e tios e tias-avós, mas adorava ficar em Napa Valley e achava que era o lugar mais bonito do mundo. Assim como seu pai, não queria morar na

França, e Joy concordava com os dois. Os Marshall continuaram sendo seus amigos mais próximos, e, durante a infância, Phillip alternava entre ser inimigo e herói de Camille. Sete anos mais velho que ela, ele a provocava muito. Ele estava no último ano do ensino médio quando ela tinha apenas dez anos. Porém, mais de uma vez, o garoto a protegera quando vira alguém a intimidando. Ela era como uma irmã mais nova para Phillip, e ficou triste quando ele foi para a faculdade e ela passou a vê-lo só durante as férias.



Joy tinha quarenta e quatro anos e Christophe um ano a mais no verão em que Camille completou dezessete anos, quando Joy descobriu, em uma mamografia de rotina, que estava com câncer de mama, e isso abalou o mundo deles. Os médicos decidiram remover apenas o tumor, e não o seio, e pensaram que levaria um ano para curá-la com quimioterapia agressiva e radiação. Christophe ficou fora de si, e Joy passava muito mal depois dos tratamentos, mas ia à vinícola todos os dias, por um período curto, e Camille fazia tudo que podia para ajudá-la. Joy foi incrivelmente corajosa e determinada a vencer a temida doença. Passaram alguns momentos muito sombrios naquele inverno, mas Joy nunca perdeu a vontade de viver e fez o que tinha que fazer para se curar. Depois, contou que havia feito isso por Camille e Christophe e, um ano depois, estava livre do câncer, em remissão, e todos puderam respirar de novo. Havia sido um ano angustiante, e o fato de Camille ter sido aceita em Stanford não significou nada para nenhum deles até saberem que Joy estava saudável de novo.

Comemoraram a formatura de Camille no ensino médio e lhe deram uma festa pouco antes do fim do ano letivo, em seu aniversário de dezoito anos. Estava tudo certo no mundo deles de novo.

A festa era para os jovens da idade de Camille, principalmente seus colegas de classe, mas um grupo de pais foi curtir a celebração com Joy e Christophe. Os Marshall estavam lá e disseram que Phillip viajava bastante a trabalho, promovendo os vinhos deles e indo muito bem. O rapaz havia passado seis meses no Chile, trabalhando na vinícola de um amigo, e estivera na Cidade do Cabo no ano anterior, visto que ambas eram regiões de cultivo de uvas, muitas vezes comparadas a Napa Valley. Ele estava aprendendo sobre o setor no mundo todo.

Estavam aliviados por ver Joy tão bem e, depois do jantar, a esposa de Sam confidenciou a Joy que havia feito a mesma descoberta e faria uma cirurgia em San Francisco na semana seguinte. No caso dela, uma mastectomia dupla. Ela era dez anos mais velha que Joy e estava muito preocupada com o futuro. As duas conversaram sobre isso por um longo tempo, e Joy insistia que ela ficaria bem. Barbara parecia querer acreditar nela, mas não conseguia. Estava com muito medo, e Sam também. A princípio, decidiram não contar a Phillip, pois não queriam preocupá-lo, e adiaram o quanto puderam. Mas, com a cirurgia iminente de Barbara, dariam as más notícias quando ele voltasse de viagem.

Joy sempre foi muito aberta com a filha. Camille havia visto como a mãe ficava durante a quimioterapia. Joy ficara preocupada devido ao histórico da família, visto que sua mãe morrera de câncer de mama aos quarenta anos, mas Barbara não tinha nenhum histórico familiar da doença. Um raio a atingira aleatoriamente, do nada, e não importava o sucesso de seu marido, nem quanto dinheiro tinham para o tratamento, nem o quanto se amavam – Barbara estava muito doente. Ela era uma mulher bonita e admitiu a Joy que estava com medo de ficar desfigurada e sentir dor devido à cirurgia de reconstrução. O casamento deles era tão sólido quanto o de Joy e Christophe, e esse era o maior desafio que já haviam enfrentado – assim como fora para os Lammenais. Eles sabiam que outros casamentos em Napa Valley não eram tão saudáveis quanto o deles; sempre havia muita fofoca na comunidade local, sobre quem estava dormindo com quem. Era uma área pequena, muito com-

petitiva, com muita ambição social e muitos casos extraconjugais entre as pessoas que conheciam.

Joy e Christophe nunca fizeram parte de nenhum grupo mais atrevido, nem queriam fazer. Tampouco Sam e Barbara. Eles eram pessoas com os pés no chão, apesar do enorme sucesso de Sam. Barbara havia sido comissária de bordo antes de se casarem. E agora ele tinha a maior e mais lucrativa vinícola do vale, o que atraía os alpinistas sociais e os novos ricos. Havia muito dinheiro investido em Napa Valley e muitos vinicultores fazendo grandes fortunas, como Sam e Christophe, e vários outros. A única concessão dos Marshall à sua posição e ao império que Sam havia fundado era o Baile da Colheita, que eles davam todos os anos em setembro. Começou mais como uma brincadeira, depois de uma viagem a Veneza que eles fizeram. Barbara fez um baile de máscaras um ano, com fantasias elaboradas, e todos os convidados gostaram tanto que os Marshall continuaram fazendo e estabeleceram uma tradição anual. Joy e Christophe iam todos os anos, apesar dos protestos dele, que dizia que se sentia ridículo com a fantasia de Luís XV, com calça de cetim até os joelhos, peruca e máscara.

— Se eu tenho que me fantasiar, você também tem — dizia Sam a ele repetidamente. — Barbara me mataria se eu não me fantasiasse — ele falava com tristeza.

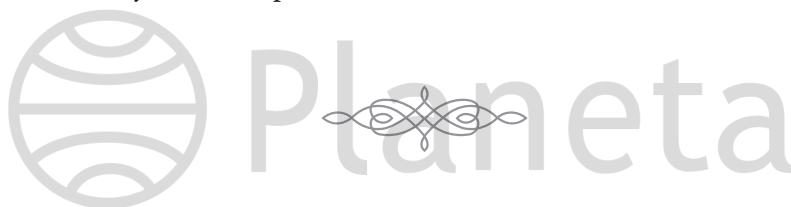
Ele a satisfazia de bom grado para fazê-la feliz, e ela ficava linda todos os anos, com qualquer fantasia que usasse.

— Deveríamos ter feito um churrasco no primeiro ano, assim não teríamos que nos vestir de bobos sempre — resmungava Sam, bem-humorado.

Mas era sempre uma noite espetacular, com bufê fabuloso, dança ao som de uma orquestra de San Francisco e fogos de artifício sobre seus intermináveis vinhedos. Ao contrário do pequeno e elegante chateau de Joy e Christophe, a casa deles era vasta e moderna, cheia de alta tecnologia. Fora construída por um famoso arquiteto mexicano e abrigava a mundialmente famosa coleção de arte moderna e

contemporânea deles. Eles tinham sete Picassos que emprestavam com frequência a museus, vários Chagalls e obras de Jackson Pollock que deixavam Joy emocionada ao vê-las, dado seu profundo amor pelas belas-artes.

Camille passou o verão após a formatura trabalhando no escritório da vinícola com a mãe, como fazia todos os verões desde que completara quinze anos. Era seu quarto ano, e seus pais estavam animados com sua ida para Stanford, assim como ela. Camille pretendia fazer MBA em administração depois de trabalhar com seus pais durante alguns anos, para dar um tempo antes da pós-graduação. Não tinha intenção de trabalhar em outro lugar, apesar de seu pai lhe dizer que um ano com a família em Bordeaux lhe faria bem e a ajudaria no francês, que era útil naquele ramo. Mas ela nunca se afastara deles, nem pretendia. Era mais feliz no Château Joy, com seus pais, trabalhando e morando com eles.



Joy visitou Barbara Marshall regularmente durante o verão. Quando começou a quimioterapia, Barbara ficou muito mal e, sempre que os Lammenais os viam, o marido e o filho dela estavam aterrorizados. Ela estava ainda mais doente do que Joy estivera. Camille começou a estudar em Stanford, mas voltava para casa aos fins de semana com mais frequência do que sua mãe achava que deveria. Joy comentou com Christophe que a filha era muito apegada a eles e levava uma vida mais isolada do que seria bom para sua idade. Achava que Camille deveria se aventurar no mundo, pelo menos por um tempo.

— Ela gosta de ficar aqui — dizia ele, sorrindo para a esposa, e depois a beijava. — Ela é nossa única filha, não a afaste.

Ele adorava quando Camille estava com eles e o fato de que a filha queria estar lá. O casal havia falado muitas vezes sobre ter outro filho

quando Camille era mais nova, mas a vida lhes parecia perfeita demais, e, depois que Joy se curara do câncer de mama, já era tarde demais.

Christophe sempre dizia que não se importava por não ter um filho. Queria que Camille administrasse a vinícola um dia, quando fossem mais velhos, e tinha certeza de que a filha seria boa nisso. Ela tinha a cabeça da mãe para os negócios, e ele havia mantido a vinícola e os vinhedos de um tamanho manejável intencionalmente. Não queria um império tão grande quanto o de Sam Marshall e fizera do Château Joy algo especial, pequeno e exclusivo por escolha. O que tinham parecia ser do tamanho perfeito para eles, e ele e Joy o administravam com facilidade, com uma ocasional batalha com Cesare por causa dos vinhedos.

Cesare estava com eles havia anos, e Joy ainda o tratava como um intruso e não confiava nele. Era desleixado com o dinheiro e achava que prestar contas a ela era um autoritarismo desnecessário. Ela o desafiava impiedosamente, o que enfurecia os dois, e eles discutiam o tempo todo. Era raro ele sair do escritório dela sem bater a porta. Christophe suspeitava que ele embolsava pequenas quantias do dinheiro das despesas, mas Cesare conhecia intimamente suas uvas e vinhedos e os tratava como se fossem seus filhos. Tinha instintos impecáveis sobre o que precisava ser feito, por isso Christophe o considerava o melhor gerente de vinhedos do vale e, em troca, tolerava seu desleixo com o dinheiro. Importava-se mais com suas uvas que com seu dinheiro. Joy não tinha paciência com Cesare e não estava disposta a relevar, e discutia com Christophe também por isso.

Christophe perdoava com facilidade as pequenas transgressões de Cesare, pois conhecia seu profundo amor pela vinícola e sabia que ele entendia do assunto e era metódico em relação às uvas. Alguns dólares extraviados das contas de despesas não pareciam um problema para ele em comparação com todo o resto.

Christophe era o brilhante vinicultor do Château Joy, que o transformara no sucesso que era, e sua esposa era o lado prático do negó-

cio, que cuidava de todos os detalhes e mantinha as contas em ordem. Formavam uma equipe perfeita.

Camille estava feliz em Stanford e conhecera muitas pessoas de todo o país e do mundo, mas, no instante em que tinha a chance de voltar para casa, voltava. Ela estava fazendo especialização em economia, assim como Joy fizera. E a maioria dos alunos que conhecia esperava arranjar emprego em empresas financeiras da área de tecnologia no Vale do Silício ou pretendia ir para Nova York trabalhar em Wall Street. Tudo que Camille queria era terminar os estudos e ajudar os pais na vinícola. Faltavam três meses para a formatura, o TCC e as provas finais para passar. Quando esteve em Napa um fim de semana, notou um papelzinho na mesa da mãe: um lembrete de que era hora de fazer uma mamografia. Isso trouxe de volta a Camille, instantaneamente, o terrível momento de cinco anos antes, quando a mãe fora diagnosticada com câncer. Mas passara por tratamento durante um ano e não tinha recidiva desde então.

Barbara Marshall não tivera a mesma sorte. Havia definhado na quimioterapia, enquanto o câncer continuara se espalhando, e morreria oito meses depois de ser diagnosticada. Sam e Phillip ficaram arrasados. Ela morreria havia pouco mais de três anos, quando Camille estava para se formar. Phillip administrava a vinícola com o pai, tinha uma boa reputação na região e saía com várias garotas. Gostava de carros velozes e caros e de mulheres bonitas, e Camille o via frequentemente com sua Ferrari vermelha, e nunca duas vezes com a mesma garota. Brincava com ele sobre isso. Ele ainda a tratava como uma irmã mais nova; os sete anos de diferença entre eles ainda eram significativos aos vinte e dois e vinte e nove. Ele fazia parte de um mundo adulto, entre os vinicultores sérios de Napa, cujos filhos tinham praticamente a mesma idade que ele e tinham em comum as responsabilidades que teriam que assumir um dia. Havia muito a aprender nesse meio-tempo, e Phillip levava isso a sério; os dias de faculdade haviam ficado para trás. Ele comentou que Camille tinha tempo antes de ter que tomar seu lugar

no mundo adulto, e isso a irritou. Ela sabia tanto sobre a vinícola de sua família quanto Phillip sobre a do pai. Mas ele ainda a tratava como uma adolescente, e não como a mulher adulta que ela achava que era.

Camille havia ouvido seus pais dizerem que Sam estava namorando uma congressista de Los Angeles havia quase dois anos, mas ela não a conhecia, e Sam estava sempre sozinho ou com Phillip quando ela o via. Perder Barbara o envelhecera; ele estava mais sério que antes. Havia sido uma perda triste para todos e sempre deixava Camille nervosa quando pensava em sua mãe.

— Você ainda faz mamografia duas vezes por ano, não é, mãe? — perguntou Camille depois de ver o lembrete em cima da mesa.

— Claro — disse Joy, sentando-se com um de seus livros enormes e sorrindo para a filha. — Mal posso esperar para entregar um pouco disto aqui a você quando voltar para casa.

Ela tinha plena consciência da capacidade de Camille, que era organizada e eficiente. Havia aprendido com a mãe. E Camille sabia muito mais que sua mãe sobre as complexidades de fazer vinho. Christophe lhe ensinara muito, desde criança, muito mais do que Joy aprendera depois de anos no ramo. Estava no DNA de Camille também, assim como no de seu pai. Joy estava envolvida em operações e finanças. Camille e Christophe eram apaixonados por vinhos.

— Espere um pouco, voltarei daqui a três meses — disse Camille, sorrindo para a mãe. Joy havia arrumado um escritório para a filha e estava animada com a perspectiva de vê-la ali todos os dias. Era a última parte do sonho deles se tornando realidade: vê-la trabalhando na vinícola, lado a lado com eles. E, um dia, ela assumiria tudo quando eles estivessem prontos para se aposentar. Mas isso estava longe. Joy tinha quarenta e nove anos e Christophe havia acabado de fazer cinquenta.

Depois da visita de Camille, Joy manteve-se ocupada no mês seguinte com uma infinidade de projetos que apareceram sobre sua mesa, e Christophe estava escolhendo rótulos para um novo vinho e queria a ajuda dela para selecioná-los. Joy mesma desenhava os rótulos, e ele

não conseguia decidir entre os dois de que mais gostava. Camille já havia votado quando estivera em casa.

Quatro semanas depois da última visita de Camille, Joy encontrou o lembrete em uma pilha de papéis que havia enfiado em uma gaveta e ligou para o hospital para marcar a mamografia. Marcou com urgência, pois, mesmo tendo acabado de ultrapassar a marca de cinco anos e ser considerada curada, ficava nervosa; não queria que o raio caísse nela de novo. Sua mãe havia morrido quando era mais nova que Joy, mas, como Christophe dizia, eles levavam uma vida encantadora e nada de ruim lhes aconteceria. Ela sempre tentava não pensar no triste destino de Barbara Marshall quando ele dizia isso.

Joy marcou o exame e aproveitou a oportunidade para fazer outras coisas na cidade, visto que não ia para lá com frequência. Ficava a uma hora e meia de distância, mas San Francisco parecia estar em outro planeta quando ela estava em Napa Valley. Não tinha vontade de ir a lugar nenhum, mesmo com Christophe viajando periodicamente para promover seus vinhos, indo para a Europa e a Ásia. E ele estava louco para levar Camille junto quando ela começasse a trabalhar em tempo integral.

O hospital tinha o histórico de Joy e a mamografia era de rotina. A técnica lhe pediu que esperasse para se vestir até que um médico olhasse as chapas, mas a mulher sorriu como se estivesse tudo bem, e Joy ficou aliviada, pois estava sentada sozinha em uma sala de exames, respondendo a mensagens de trabalho.

O médico que entrou na sala era jovem e ela não o conhecia. Não conseguiu interpretar nada em seus olhos quando ele puxou um banquinho e se sentou diante dela. Estava com as chapas da mamografia dela na mão, dentro de um envelope, e falou com ela enquanto as colocava em uma caixa de luz na parede. Apontou para uma área cinzenta no seio que não havia tido câncer e se voltou para ela, sério.

— Há uma sombra aqui que não me agrada, sra. Lammenais. Se tiver tempo, gostaria de fazer uma biópsia hoje. Com seu histórico, não acho bom esperar. Não vai demorar muito, mas eu gostaria de saber o que é isso.

O coração de Joy parecia querer pular do peito ou parar. Ela havia ouvido essas mesmas palavras cinco anos antes.

— Está preocupado? — perguntou, e sua voz pareceu o coaxar de um sapo para seus próprios ouvidos.

— Eu ficaria mais feliz se essa sombra não estivesse aí. Pode não ser nada, mas temos que saber.

Depois disso, ela ouvia a voz dele de muito longe, ininteligível, e, como se fosse um robô, seguiu a técnica até outra sala, onde tiraram sua bata, deitaram-na na mesa e a cobriram com um lençol. A seguir, anestesiaram a área e fizeram a biópsia, que foi dolorosa. Seu coração batia disparado o tempo todo. Ela não parava de pensar no ano infernal de quimioterapia que tivera, em Barbara Marshall morrendo depois de oito meses do diagnóstico, na própria mãe, que morreria de câncer de mama aos quarenta anos. Lágrimas escorriam de seus olhos enquanto faziam a biópsia, e quando tudo acabou, já estava soluçando enquanto corria para fora do hospital e descia rapidamente os degraus. Disseram que ligariam para ela com os resultados, mas ela não queria saber. Já podia sentir o que estava por vir. Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, mas ela já sabia que era mentira. Sentia em sua alma. E o que diria a Christophe e Camille se estivesse com câncer de novo? Não podia nem imaginar. Já se sentia morta quando entrou no carro e voltou para Napa Valley, cega pelas lágrimas. Tentava se concentrar na direção, mas, pela primeira vez, teve certeza de que ia morrer. Como poderia ter sorte duas vezes?